

## ENTREVISTA

### Questões sobre a “crise” na economia brasileira

Convidado a responder questões da comunidade acadêmica sobre a conjuntura econômica brasileira, o Professor Marco Polo Ribeiro que leciona Economia em vários cursos da PUC Minas fez algumas considerações sobre o papel que a mídia exerce na desinformação da população ao tentar simplificar ou tornar “inteligíveis” temas complexos e sobre os quais não existe “consenso” mesmo entre os teóricos.

As questões, reunidas pela mediação do Professor Walter Tedeschi foram colhidas entre alunos, funcionários e professores do *campus* Betim e repassadas ao entrevistado.

O Professor Marco Polo começa indagando: - “Como abordar assuntos técnicos de elevada complexidade, inclusive alvo de disputas teóricas, ideológicas, doutrinárias e políticas entre os próprios “*experts*”? Como produzir os “produtos de mídia” pela área de comunicação que sejam palatáveis e absorvíveis pelos leitores que, em sua quase totalidade, não possuem formação para entender os assuntos tratados? O resultado disto é a produção de um brutal processo de simplificações que redundam em igual processo de desinformação e transforma o público em geral, em grandes massas aptas a serem tangidas de acordo com os interesses inconfessáveis que se hospedam por trás de tudo isto. Podemos exemplificar esse fato com algumas perguntas a mim apresentadas, tratando de assuntos complexos (INFLAÇÃO, ESTAGFLAÇÃO, CRESCIMENTO, RECESSÃO, CRISE, etc.) como se fossem algo sabido e corriqueiro. Tentando fazer uma analogia, seria o mesmo que solicitassem a mim que não sou médico, explicações rápidas e inteligíveis sobre as origens e conseqüências (além de procedimentos preventivos) do Schwannoma do nervo vestibular e do acústico, bem como das técnicas cirúrgicas (invasivas ou nem tanto)”.

Ainda segundo o entrevistado, uma vez que as questões econômicas afetam diretamente a vida de todos e se constituem em pautas que despertam todo o interesse dos consumidores destas mídias – estas se propõem a tratá-las de maneira “compreensível”.

As questões abordadas na entrevista perpassam diversos aspectos da percepção sobre questões econômico-financeiras respondidas de forma abrangente pelo entrevistado.

**Pergunta 1-** Tendo em vista a crise econômica vivenciada no Brasil, nota-se o efeito na vida dos trabalhadores e cidadãos brasileiros como, por exemplo, o desemprego e a falta de recursos para investimento em novos negócios. Analisando o que foi citado acima, aponte possíveis estratégias que podem ser utilizadas para estabilização econômica. (Aluna – Curso de Enfermagem)

**Prof. Marco Polo-** Nesta pergunta são apontadas algumas das poucas MANIFESTAÇÕES inerentes a todas as crises econômicas (desemprego, queda dos investimentos etc.) A interlocutora solicita um elenco de “possíveis estratégias que possam ser utilizadas para a

estabilização econômica”, ou seja, ela espera uma “receita de bolo” que resolva tecnicamente todo este imbróglio. Percebe-se um entendimento de que a situação é, no mínimo, LOCALIZADA no Brasil. Mas por tratar-se de uma CRISE GLOBAL com reverberações em todas as sociedades e economias (inclusive a brasileira), ninguém dispõe de instrumentos de atuação em todas as áreas e países tragados pela crise, nem mesmo os EUA, Europa, etc. Pode-se discutir (acaloradamente) alguns poucos procedimentos que tentem alguma mitigação (sem a mínima garantia de sucesso) das consequências do rebatimento desta enorme tsunami aqui no Brasil. Mas em caso de algum possível “sucesso”, este não impactaria toda a população. Dever-se-ia arbitrar quem seriam os beneficiados, pois afinal, trata-se de um “cobertor curto” em que o custo de cobrir os pés é descobrir a cabeça. É claro que não se pode creditar toda a crise às variáveis externas. Temos cruciantes questões endógenas de igual importância a serem enfrentadas. Mas, quaisquer que sejam as escolhas, não há nenhuma garantia de nada. Arrisco-me a dizer que não devemos nos preocupar muito com isto sob pena de adoecimento; afinal nada parece estar sob controle. Os movimentos das “placas tectônicas” da sociedade seja nos aspectos econômicos, financeiros, políticos, geopolíticos, etc., assim como os movimentos dos astros, do sistema solar, das galáxias, etc., estão todos distantes de nossos desejos e fora do alcance de nossa intervenção. Enfim, embora a aluna possa encontrar diversos “especialistas” que lhe entreguem o desejado, eu reputo impossível satisfazer, neste espaço, sua curiosidade. Seria leviano de minha parte e isto é o máximo que posso dizer.

**Pergunta 2-** Quais os riscos, para um universitário, de iniciar um pequeno negócio, como um complemento de renda, diante da crise econômica em que o país se encontra? (Aluna – Curso de Enfermagem)

**Prof. Marco Polo:** Os riscos de se iniciar um pequeno negócio num ambiente de crise são efetivamente maiores, mas isto não significa que não se deva fazê-lo. Depende de inúmeras coisas e, dependendo da forma como isto for encaminhado, pode ser uma excelente oportunidade. Mas não há uma resposta pronta e acabada para esta indagação. Diria o seguinte: crises recorrentes são situações características da nossa forma de existir socialmente, no caso, a forma CAPITALISTA. A sociedade capitalista é (como tudo) uma realidade em MOVIMENTO em todos seus aspectos (econômico, político, jurídico, financeiro, tecnológico, etc.). E este movimento não é linear, é cíclico, alternando fases de crescimentos entrecortadas por crises. As crises seriam, simultaneamente, as “dores” da estrutura velha que agoniza e também as “dores do parto” da nova estrutura emergente. Na escrita chinesa, o ideograma que grafa a palavra “crise” é o mesmo que grafa a palavra “oportunidade”, o que reflete a diferença entre as duas visões de realidade: A oriental e a nossa ocidental. Eles enxergam também oportunidades nas crises (aspectos positivos). Nós, apenas problemas e destruição (aspectos negativos). Isto posto diria que, a despeito dos riscos mais elevados em situações como a atual, caso a leitura (dinâmica) da realidade efetuada pelo empreendedor consiga captar corretamente o sentido do movimento e das mudanças, pode-se desfrutar de excelentes oportunidades.

**Pergunta 3 -** Quais são as principais medidas a serem adotadas pelo Governo Federal, Ministério Público, Tribunal Superior de Justiça e demais instâncias responsáveis a serem tomadas mediante a crise econômica no Brasil, a escassez dos recursos naturais e ao processo de estagflação no país? (Alunos – Ane Caroline, Gabriela Carvalho, Ítalo Augusto, Mateus Filipe)

**Prof. Marco Polo:** Este é o tipo de questionamento que é irrespondível neste espaço, dada sua complexidade. Afinal, não há “receita de bolo” para se enfrentar seguramente situações deste tipo. É como diz o velho adágio: “não existe caminho; ele se faz ao caminhar”. A pergunta permite perceber que subjaz no entendimento destas pessoas uma visão de que instituições como “Governo Federal”, “Ministério Público”, “Tribunal Superior de Justiça” e “demais instâncias” tenham o condão, a autonomia, a competência, o poder, o conhecimento e todos os demais predicados necessários e suficientes para “resolver” o imbróglio. Sequer se consegue minimamente arranhar a percepção da complexidade do que se trata. Vivemos uma crise civilizacional de complexidade nunca vista. Ela é multidimensional (climática, tecnológica, econômica, política, financeira, de valores, visão de mundo, recursos naturais, objetivos, ética, moral, religiosa, etc., etc.). Estamos no olho de um furacão de magnitude tão grande que sequer conseguimos avaliar e, portanto, por não conseguirmos percebê-la em sua inteireza dada nossa severa distorção cognitiva, estamos à cata de “salvadores da pátria de insuspeita competência técnica” que resolvam apenas os problemas que julgamos nos afetar imediatamente.

**Pergunta 4** - Quais são as consequências da crise econômica para a sociedade brasileira e o que cada cidadão poderia fazer para amenizar ou reverter a situação atual? (Aluna – Curso de Enfermagem)

**Prof. Marco Polo:** As consequências imediatas da crise atual, como a de todas as demais, são sobejamente conhecidas. A profundidade delas é que se constitui numa questão em aberto. Falo de convulsão social (isto não ocorre apenas nas áreas do Estado Islâmico, Turquia, Síria, Iraque, países africanos, etc.) É difícil para as pessoas leigas entenderem a crise quase como uma crise das forças da natureza. Elas a percebem como uma espécie de resfriado forte e, no limite, como uma pneumonia que podem ser resolvidos com medicamentos adequados. Dá para perceber que a maioria dos formuladores destas perguntas acha que a crise é APENAS brasileira e, portanto, preocupam-se apenas e tão somente com o quinhão que provavelmente lhes caberá. Talvez pensem que se trata apenas de uma crise doméstica produzida por corrupção, falta de ética, de valores morais, de honestidade, incompetência governamental deste ou daquele partido, etc. etc. Certamente tudo isto compõe o quadro da crise, mas ela é infinitamente maior que isto. Talvez pensem que o *impeachment* seja a “solução”. Entendo que isto seria como “matar o cachorro para se acabar com os carrapatos”. Diria apenas que para questões complexas existem mil e uma soluções simples; só que todas equivocadas e cuja única garantia é a do FRACASSO. Esta pergunta, eu creio já ter sido respondida acima no escopo das anteriores.

Quanto ao que cada cidadão deve fazer para amenizar ou reverter a situação atual eu diria o seguinte: a) Se for do seu real interesse, você terá que ler muito e se informar em todas as mídias existentes. b) Para realmente formular uma visão e um entendimento mais profundo do assunto, deve-se procurar ao máximo despir-se dos antolhos ideológicos. c) Escute e leia muito, reflita mais ainda. Como sua área é Enfermagem, sei do tamanho das dificuldades que terá que enfrentar nesta empreitada. d) Haja como uma cidadã ética, honrada, honesta e “jamais faça aos outros aquilo que não quer que lhe façam”. Se a maioria das pessoas (de todo o mundo) agisse assim, a situação não estaria no ponto em que chegou.

**Pergunta 5** - Qual é a real situação econômica do País? Qual é o grau de influência que a mídia estabelece na compreensão da situação econômica do Brasil na grande massa? (Aluna da Biomedicina)

**Prof. Marco Polo:** A real situação do país é muito ruim; preocupante. Mas boa parte desta situação decorreu de uma crise política na qual o papel da grande mídia foi fundamental. A grande mídia tem INTERESSES muito claros, poderosos e inconfessáveis como TODOS os “grandes interesses”. As pessoas deveriam se interessar mais por Ciência Política (a ciência que estuda o PODER). Não estou apenas responsabilizando a grande mídia de forma leviana; afinal ela apenas joga o jogo tal como o faz desde quando surgiu. Mas, com o advento da atual revolução das Tecnologias de Informação (internet, mídias e redes sociais, etc.) o papel e o poder da grande mídia mudaram, embora ainda seja muito forte e importante. A atual crise pode ser o “canto do cisne” da grande mídia tal como conhecemos até aqui. Seria interessante discutir isto com profundidade, mas neste espaço isto é impossível. Posso afirmar apenas que a crise obrigou à grande mídia perder os antigos pudores e abrir mão, quase que totalmente, da informação adotando a deslavada manipulação. Isto não significa que tudo que a mídia divulga seja mentira ou desonestidade, mas existem mais de “50 tons de cinza” entre a falsidade e a verdade dos fatos, bem como as “formas” de expô-las. Os profissionais da comunicação seriam mais capacitados a informá-la.

**Pergunta 6** – Até quando o senhor acha que esta crise atual se prolonga? (Funcionário administrativo.)

**Prof. Marco Polo:** É impossível e seria leviano estabelecer um período de duração da crise. Pode ser que você não saiba, mas a origem da atual crise remonta à sua eclosão em agosto de 2007. Vivemos, com altos e baixos, uma dinâmica de crise inaugurada naquela ocasião. Sei que sua pergunta se refere ao Brasil, mas não estamos fora do mundo. E o que é pior, estamos inseridos de uma forma relativamente periférica, o que nos impõe muitas dificuldades adicionais.

**Pergunta 7** – Por que a classe mais afetada por esta crise é a classe C? (Aluna - Ciências Biológicas).

**Prof. Marco Polo:** Sem dúvida. Quanto mais na base da pirâmide sócio/econômica as pessoas se situam, mais incisivamente impactadas elas serão. Por definição, os mais pobres são os que possuem menor capacidade de resistência às agruras impostas pelas crises. Certamente a euforia produzida pela recente mobilidade ascensional produzida na base de nossa pirâmide econômico-social na última década é a primeira a ser revertida. Portanto, quando vejo a classe média batendo panelas em protesto, como se estivessem famintos e sem alimentos, fica difícil aceitar este tipo de manifestação. Quem tem o direito de fazê-lo são justamente aqueles que voltaram a conviver com problemas de sobrevivência. Em suma, a crise não atinge a todos indistintamente. Primeiro ceifa os mais fracos e de menor resistência. Dependendo de sua intensidade e virulência vai se disseminando de forma progressiva também entre os mais “resistentes”. A dinâmica das crises econômicas tem enorme similitude com as epidemias e as pandemias que você, como aluna de Biologia, deve tão bem conhecer.

**Pergunta 8** – Por que deixaram chegar a este ponto e só então alertar a população? (Funcionária da jardinagem)

**Prof. Marco Polo:** Sua pergunta me produz a sensação de que você se sente enganada. Não se preocupe. Grandes empresas, grandes empresários, governos tidos como competentes etc. não conseguiram antever muita coisa que lhes permitissem safarem-se destas dificuldades. Não se trata de alertar ninguém, pois individualmente pouquíssimo poderemos fazer. Talvez orações.

**Pergunta 9** – Como os jovens poderiam se preparar para enfrentar a sua inserção no mercado neste cenário de crise? (Professor - curso de Administração)

**Prof. Marco Polo:** Não somente os jovens, mas todos deveriam estudar, ler, procurar entender o que está acontecendo e por quê. A partir daí identificar as oportunidades que as crises produzem (ver respostas acima). É óbvio que isto não é simples nem fácil. Muito menos, acessível a todos. Mas é possível.